

Desde os 7 anos, Crystiane sente-se mulher. Quando criança, já usava maquiagem e vestia-se com roupas de sua mãe



# SENTIR É MAIOR DO QUE SER



Transexuais falam sobre sofrimentos e alegrias antes e depois da mudança de gênero

TEXTO | CAMILA VARGAS e MÁRCIO SARDÁ  
FOTOS | EMANUELE SPIES

**N**arciso não deveria ter refletido sua imagem nas águas. Ver-se foi seu pecado. Aprisionou-o eternamente em sua própria beleza. O espelho pode ser o vilão, o grande mal de qualquer história. O reflexo não condiz com os sentimentos, ele apenas mostra uma realidade física. Nascer em um corpo, mas ter a nítida sensação de que ele não lhe pertence, é o drama vivido pelos transexuais. Para Narciso, o encanto foi com a sua perfeição estética, já para quem sofre com o transtorno de gênero, a frustração inicia quando se veem diante de uma imagem que não corresponde aos seus desejos e vontades.

Este transtorno de sexualidade se revela muito cedo, fazendo com que os pais não saibam lidar com o problema na infância e na

adolescência. Imaginam que é normal, até certo ponto, o filho ser diferente de outros indivíduos do mesmo sexo. As crianças sofrem quando começam a perceber os primeiros traços da sexualidade inversa, se afastando de seus colegas nas atividades comuns, tendo vergonha de se expor e de sair em público com demais jovens de sua idade.

Crystiane de Oliveira, 36 anos, militante do Núcleo de Transexuais e Travestis do Rio Grande do Sul, aos sete anos costumava se vestir com as roupas de sua mãe. "Ela não gostava e me batia. Um dia ficou tão braba que disse que, se eu fizesse isso novamente, me levaria no médico para ele cortar meu pinto com a tesoura. No outro dia me vesti e fiz a mesma coisa para que ela me levasse ao médico", lembra Crystiane, que não mudou apenas o nome de batismo, mas também

o sexo. A morena alta, de cabelos longos e um olhar marcante, já foi chamada por algum nome masculino, o qual ela não revela, dizendo que essa pessoa morreu, é passado.

No Brasil, a cirurgia é regulamentada pelo Conselho Federal de Medicina desde 1997. Algumas normas foram estabelecidas, de acordo com a Resolução CFM 1482/97. Como, por exemplo, a de que a cirurgia só pode ser realizada em hospitais universitários. Este é um dos motivos de o Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) ser um dos pioneiros neste tipo de operação. Antes de o paciente efetuar o procedimento cirúrgico, deve passar por um acompanhamento assistencial multidisciplinar durante dois anos. Para isso, no início de 1998, o HCPA criou o Programa de Transtorno de Identidade de Gênero (Protig). O trabalho dos profissionais (psicólogo, assistente social, urologistas, psiquiatra e fonoaudiólogo) é preparar o transexual para essa nova vida e verificar quais as condições psíquicas e clínicas que os candidatos apresentam. Desta forma, tem-se uma certeza maior de que as mudanças trazidas com a cirurgia serão benéficas para o paciente.

O órgão sexual biológico é desconstituído para a construção de outro, sendo uma ação irreversível. O urologista e coordenador do Protig, Walter Koff, explica que o processo cirúrgico é realizado a partir da genitália existente. "Para construir o clitóris, por exemplo, é utilizado parte da glândula do pênis. Já a transformação de mulher para homem é bem mais complicada, porque não tem material suficiente. Então é

retirado material do antebraço para fazer o órgão". O neofalo, como é chamado o novo membro, na maioria das vezes precisa passar por reparações cirúrgicas, devido à complexidade do procedimento.

Há dois anos a cirurgia é custeada pelo Sistema Único de Saúde (SUS), facilitando o acesso e a divulgação dessa doença (definição conforme a Classificação Internacional de Doenças - CID). Com isso, evita-se casos de auto-mutilação. Koff diz que a maioria dos pacientes tem ojeriza ao seu órgão sexual genético. Porém, esta não era a situação de Crystiane, que sempre sentiu prazer com a sua antiga genitália. Ela, no entanto, tinha a necessidade de mudar a última coisa que ainda lembrava a sua antiga identidade. "Os depoimentos mostram como a cirurgia inclui essa pessoa na vida social, porque ela tem uma história de discriminação, de estigma e até de violência", ressalta a assistente social do Protig e doutora em transtornos de gênero, Esalva Silveira. Quando se troca de sexo, algumas mudanças são esperadas pelos pacientes. Alguns visionam um futuro cheio de ilusões, como o esquecimento da transexualidade. Segundo a psicóloga do Protig, Jaqueline Salvador, essa ideia de transformação total é que deve ser trabalhada para que não haja frustrações. "Existe uma fantasia de que a cirurgia é a solução para tudo. Há outros problemas que não se resolvem após a operação. Outros questionamentos continuam, no trabalho, no relacionamento, na vida familiar. Como, por exemplo, revelar ou não a transexualidade para os outros. A cirurgia apenas ameniza a situação



Júlia Maria, aos 22 anos, usará biquíni pela primeira vez sem se constranger com o seu corpo



do transtorno de gênero”, explica Jaqueline.

Mesmo sendo consciente dessas palavras, Crystiane se mostra eufórica quando fala de sua vida após a cirurgia, ocorrida em 2002. Não tem mais constrangimento em ficar nua na frente das pessoas, eliminou as roupas íntimas de seu guarda-roupa, tanto as antigas cuecas quanto as calcinhas e sutiãs. Gosta de se vestir com peças justas que mostram o seu corpo. Para ela, a sensação é de liberdade. “Parece que a gente nasce de novo. Mudou a minha autoconfiança, minha segurança, minha autoestima. Não é como acordar em um conto de fadas, mas tu te sentes completa”, relata Crystiane. Para a psicóloga Jaqueline, esse momento é um encontro de adequação com sentimentos que vêm desde a infância. A militante diz que foi uma despedida feliz e um encontro com o recomeço. “É mais importante sentir-se mulher do que ser mulher”, diz ela. Crystiane se reconhece atualmente como transexual e um ser humano mais completo. A felicidade encontrada por ela estimula outros casos a aguardarem ansiosos pela mudança.

### À espera da transformação

A ânsia de encontrar o novo sexo é vivida por Júlia Maria Marques Duarte, 22 anos. Foram muitos anos sem saber que banheiro público frequentar. “Sou mulher, não posso ir ao masculino, mas também sabia que não poderia ir ao feminino”, conta a pedagoga. A infância vivida com brincadeiras de meninas, junto com suas primas, foram os

primeiros indícios para os pais de que algo diferente acontecia com seu filho. A recusa das roupas e acessórios masculinos trazia inquietação para o transexual. “É um transtorno que causa muito sofrimento. Eles por muito tempo não têm identidade. Se sentem de uma forma e a realidade é outra”, explica a psicóloga Jaqueline Salvador. “Eu sabia que menino eu não era, mas menina também não, porque eu não tinha vagina. Então o que eu era?”. Ainda na pré-escola, aos cinco anos, Júlia se apaixonou por um garoto da turma. Ela não entendia porquê não podia ficar com ele. O tempo foi seu aliado na compreensão de sua identidade. O processo lento fez com que, aos 14 anos, Júlia se assumisse como homossexual. Porém, não se enquadrava exatamente nessa condição. Até hoje, não sente prazer com seu órgão sexual, não se toca, é apenas um incômodo constante. (Ver quadro)

A cirurgia para Júlia é uma necessidade e não simplesmente um sonho que se conquista. “Eu vou ficar mais segura, na praia, na piscina. Vou poder me vestir sem medo, parar de me cuidar a toda hora. Meu corpo não condiz com o que eu sinto.” A partir deste momento tão esperado, Júlia vai escrever sua história para que comece a ter boas recordações no futuro. “Será uma despedida alegre, porque não tenho boas lembranças do passado”, declara. Ela segue em busca da sua metamorfose e de seu prazer, somando-se ao número de mais de 120 transexuais gaúchos que agora não cansam de admirar seu reflexo. Sem narcisismo, apenas com admiração e orgulho de seu caminho.

## IMPRESSÕES DE REPÓRTER

Jornalismo marginal. Essa foi a nossa definição quando andamos por sete quadras na tenebrosa BR-116. O interfone não funcionava e o número do celular de Crystiane não estava na agenda. Confusão, debaixo de um sol forte acompanhado de algum vento. A receptividade foi acima da esperada, por se tratar de assuntos íntimos e delicados. Momentos tristes e vivências que, ao serem revelados, mudaram a nossa visão sobre a transexualidade. Júlia Maria mostrava em seus olhos a felicidade que a espera daqui alguns dias. A sua feminilidade estava estampada em todos os detalhes estéticos. Essa reportagem mostrou o lado alegre de uma despedida, assim como a intensidade do encontro com a mudança de sexo. O “sentir” ficou evidente, é mais importante do que o “ser”. Incrivelmente, o jornalismo nos possibilita viver em diversos mundos e assim permite nos transformarmos em pessoas melhores, aproveitando aquela máxima de que “conhecemos de tudo um pouco” com base nas experiências vividas e caminhos que já passamos.

## Sexualidade diversificada

**TRANSEXUALISMO:** desejo de viver e ser aceito como uma pessoa do sexo oposto, comumente acompanhado por uma sensação de desconforto ou não pertencimento do seu próprio sexo anatômico. Submete-se a tratamentos hormonais e cirurgia para deixar seu corpo congruente com seu sexo preferido.

**TRAVESTISMO:** caracteriza-se pelo uso de roupas e acessórios do sexo oposto para desfrutar temporariamente a feminilidade ou masculinidade oposta ao seu gênero, mas sem qualquer desejo de uma mudança de sexo permanente, não submetendo-se a cirurgia de troca de sexo.

**HOMOSSEXUALISMO:** o termo homossexual significa “do mesmo sexo”. Pessoas que se interessam sexualmente por indivíduos do mesmo gênero são chamadas de homoeróticas, sem o desejo de mudar de forma física com hormônios e cirurgia. O termo “homossexual” não é mais usado, assim como o termo “opção sexual” também não. Um homoerótico não escolhe ser gay, ele apenas é orientado (pela sua própria existência) a ser o que é. O termo correto é, portanto, “orientação sexual”.

Fonte: psicóloga Daniela Dornelles Johnson